

Seleção Oficial Festival do Rio 2011 – Première Brasil

*Eu receberia as piores notícias dos
seus lindos lábios*

Um filme de Beto Brant e Renato Ciasca
Baseado na obra homônima do escritor Marçal Aquino

SINOPSE

Um triângulo amoroso envolve Cauby (Gustavo Machado), um fotógrafo de passagem pelo interior da Amazônia, a bela e instável Lavínia (Camila Pitanga) e seu marido, o pastor Ernani (Zecarlos Machado), que acredita ser possível consertar as contradições do mundo.

Lavínia, o corpo; Cauby, o olhar; Ernani, a palavra – os três vértices de uma paixão incandescente, em meio à natureza ameaçada de devastação.

FICHA TÉCNICA

Direção BETO BRANT e RENATO CIASCA
Elenco CAMILA PITANGA, GUSTAVO MACHADO, ZECARLOS MACHADO
Roteiro MARÇAL AQUINO, BETO BRANT e RENATO CIASCA
Produzido por BIANCA VILLAR e RENATO CIASCA
Produção executiva BIANCA VILLAR
Direção de produção CAMILA GROCH
Assistente de direção SIMONE ELIAS e LUCIANA BAPTISTA
Fotografia e steadicam LULA ARAUJO
Direção de arte AKIRA GOTO
Figurino LETICIA BARBIERI
Montagem WILLEM DIAS
Som direto MARCIO CAMARA
Desenho de som BETO FERRAZ
Música SIMONE SOU e ALFREDO BELLO
Com GERO CAMILO, ANTÔNIO PITANGA, ADRIANO BARROSO, MAGNÓLIO DE OLIVEIRA, LÍVEA AMAZONAS e SIMONE SOU
Baseado no livro "EU RECEBERIA AS PIORES NOTÍCIAS DOS SEUS LINDOS LÁBIOS" de MARÇAL AQUINO
Produção DRAMA FILMES co-produção CINEPRO | DOT, LOCALL e TVZE

ELENCO

Camila Pitanga
Gustavo Machado
Zecarlos Machado
Gero Camilo . Antônio Pitanga . Adriano Barroso
Magnólio de Oliveira . Lívea Amazonas . Simone Sou

PREMIAÇÕES

Melhor atriz – Camila Pitanga – Festival do Rio 2011
Melhor Longa Metragem de Ficção Brasileiro – Premio Itamaraty – 35º Mostra Internacional de São Paulo
Melhor Ator – Zecarlos Machado – Amazonas Film Festival 2011.
Melhor Atriz – Camila Pitanga – Amazonas Film Festival 2011.
Prêmio Colón de Oro Melhor Longa Metragem e Prêmio Colón de Plata de Melhor Fotografia – Festival Cine Iberoamericano de Huelva 2011

OS DIRETORES

Dividindo pela segunda vez a direção, Beto Brant e Renato Ciasca apresentam agora o sétimo longa de sua parceria profissional, uma adaptação do romance **Eu Receberia as Piores Notícias de seus Lindos Lábios**, do escritor Marçal Aquino, com quem trabalham desde o primeiro longa (**Os Matadores**, 1997).

Um ano depois do lançamento do livro, em 2005, Beto e Renato compraram os direitos para a adaptação cinematográfica. Desde essa época, trabalharam na captação e preparação da filmagem, que finalmente aconteceu em 2010. Durante esse período, Brant e Ciasca realizaram outros três filmes – **Crime Delicado** (adaptação do livro de Sérgio Sant’Anna), **Cão sem dono** (do livro **Até o dia em que o cão morreu** de Daniel Galera) e **O Amor segundo B. Schianberg** (da obra de Marçal Aquino). Três trabalhos que, os dois concordam, os amadureceram. Renato explica: “A gente estava nessa vibração de violência em vários lugares do Brasil, culminando com a violência em São Paulo de **O Invasor**. Resolvemos procurar outros caminhos. E daí vieram esses três filmes na vibração da intimidade das pessoas, dos relacionamentos amorosos”.

Ciasca enxerga em **Eu Receberia as Piores Notícias de seus Lindos Lábios** uma espécie de síntese: “Nesse livro, tem todos os livros. Nesse filme, tem todos os outros filmes, inclusive os que não foram escritos pelo Marçal, mas foram roteirizados por ele. Quer dizer, tem uma linguagem comum em que o Marçal está muito completo dentro de tudo isso. Tem a história de amor; o tema da intimidade entre as pessoas; a violência e uma questão política como pano de fundo. O filme acabou ficando também com muitos elementos fantásticos, que são incorporados como poesia”.

BIOGRAFIA – Beto Brant

Beto Brant nasceu em Jundiaí, em 1964. Em 1995, filmou **Os Matadores**, rodado na fronteira do Brasil com o Paraguai. O filme deu início à parceria do diretor com o escritor e roteirista Marçal Aquino. **Ação Entre Amigos**, 1998, narra a história de ex-guerrilheiros que se reencontram 25 anos depois. **O Invasor**, 2002, retrata o crime e a violência como pontos de contaminação entre classes sociais. **Crime Delicado**, 2005, adaptação de um romance de Sérgio Sant’anna, narra um relacionamento amoroso que expõe mecanismos de controle e manipulação. Ao lado de Renato Ciasca, em 2007, dirigiu **Cão sem dono**, roteiro adaptado do livro **Até o dia que o cão morreu**, de Daniel Galera. Em 2010, lança **O amor segundo B. Schianberg**.

BIOGRAFIA – Renato Ciasca

Paulista, o produtor, diretor e roteirista Renato Ciasca se forma em cinema na FAAP em 1986. Lá ele conhece Beto Brant e se associam em diversos projetos artísticos, o primeiro deles o curta de formatura, **Aurora**. O curta venceu prêmios nos festivais de Gramado e Brasília (melhor filme em 16 mm). Depois de viajar por diversos países, como EUA, Austrália, Índia, Nepal e vários da

América do Sul, em 1994, Renato engajou-se em **Os Matadores**. Participou, como produtor e co-roteirista dos longas **Ação Entre Amigos** (1998) e **O Invasor** (2001). Em 2005, produziu o longa **Crime Delicado** e, ao lado de Beto Brant, dirigiu o longa **Cão sem dono** (2007), rodado em Porto Alegre. Em 2010, assina a produção do longa **O Amor Segundo B. Schianberg**.

FILMOGRAFIA

Beto Brant / Renato Ciasca / Bianca Villar / Marçal Aquino

Os Matadores (1997)

Ação entre Amigos (1998)

O Invasor (2002)

Crime Delicado (2005)

Cão sem dono (2007)

O Amor segundo B. Schianberg (2009)

Eu Receberia as Piores Notícias dos seus Lindos Lábios (2011)

ATUALIZANDO O CONTEXTO

A espera de cinco anos entre a compra dos direitos do livro, e a captação e preparação para as filmagens, também implicou em algumas atualizações da trama, especialmente do contexto político, levando os diretores a substituir a questão do garimpo, candente no livro, pelo desmatamento, no filme. Ciasca explica a troca: “É uma questão que está acontecendo neste momento. O garimpo saiu do quadro porque ele foi evento há dez anos atrás. A gente trouxe a história para o presente. E o que a gente filma ali está acontecendo neste exato momento. Já estava ali e continuará”.

Essas constatações foram feitas pelos diretores, juntamente com Aquino, em viagens para pesquisa de locações, realizadas a partir de 2007, no Pará. As filmagens duraram sete semanas e aconteceram nos arredores de Santarém e Itaituba, cidades às margens do rio Tapajós, afluente do rio Amazonas. Outra parte foi filmada em Copacabana, Rio de Janeiro. A partir de um contato com a **ONG Saúde e Alegria** – que tem um barco-hospital que presta atendimento médico a comunidades ribeirinhas da bacia do Tapajós -, os diretores descobriram o **Movimento em Defesa da Vida e da Cultura do Rio Arapiuns**, em que se inserem os “índios resistentes” – como se autodenominam índios que não habitam reservas mas lutam pelo reconhecimento de seus direitos como povos indígenas, reivindicando demarcação de seus territórios e o fim do manejo ilegal de madeira na região. Do Movimento também tomam parte não índios, todos unidos na luta pela proteção e manutenção do lugar em que vivem.

Beto conta: “Nós vimos ali um conflito que estava realmente acontecendo e envolvendo pessoas que defendiam a terra. Não estavam de passagem, como os garimpeiros. Eram nativos, que tinham ancestrais ali, gerações e gerações defendendo a terra, com um desejo de ocupação, não de exploração. Naquele momento, a gente viu que o conflito era atual e que seria muito legal tomar o

partido dessas pessoas que têm essa ligação com a terra e estão defendendo o direito ancestral de morar naquele lugar”.

Filmar em vários lugares diferentes é, aliás, outra característica marcante da dupla de diretores paulistas, que já percorreram em suas obras os estados de Mato Grosso do Sul, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Segundo Beto, “a gente sempre teve o pé na estrada”. Para Renato, trata-se também de “um movimento do qual viemos nos utilizando para mostrar coisas que não são mostradas pelas TVs, pelos jornais”. Beto completa: “A gente propõe um olhar sobre o lugar”.

ATORES

Para interpretar o trio central de protagonistas, os diretores escalaram dois atores com quem já tinham trabalhado antes – Zecarlos Machado (**Ação entre Amigos** e **Crime Delicado**) e Gustavo Machado (**O Amor segundo B. Schianberg**), que interpretam, respectivamente, Ernani e Cauby – e, pela primeira vez, com a atriz Camila Pitanga, na pele de Lavínia.

Beto explica a escolha dos atores: “Camila é uma atriz muito engajada em tudo o que faz, é uma pessoa com iniciativa, solidária. Ela veio com muita vontade de fazer o filme. É bom demais conviver com uma atriz tão extraordinária. Foi incrível como ela conseguiu dar tantas faces à Lavínia.

Zecarlos, aliado de muitos anos, é um ator que vai fundo na investigação dos seus papéis. Criou seu personagem a partir de várias referências religiosas. Compôs um pastor Ernani com influência da Teologia da Libertação, Santo Daime e igrejas evangélica e católica. Como se diz entre os atores: é um monstro em cena.

Gustavo é um ator muito especial. Viajou para o Pará comigo e com o Renato meses antes da filmagem. Aprendeu a fotografar com Cisco Vasques e decorou seu cenário com o diretor de arte Akira Goto e o aderecista Rui Santa Helena. Compôs seu Cauby com sua própria percepção de artista visual. É um ator com muita disposição para fazer a cena acontecer. Já tínhamos muita afinidade depois do primeiro filme que fizemos juntos, **O amor segundo B. Schianberg**. É um parceiro e amigo em qualquer situação”.

Os diretores também já haviam trabalhado antes com Gero Camilo (**O Amor segundo B. Schianberg**), que aqui faz o papel do jornalista Vitor Laurence. Outro destaque do elenco é o ator paraense Adriano Barroso, que interpreta o policial Polozzi e foi também o responsável pela produção de elenco do filme.

Da ONG Saúde e Alegria, Beto e Renato trouxeram para o elenco a grande estrela do Circo Mocarongo, Magnólio de Oliveira, que faz o papel de Chico Chagas. Há também uma participação afetiva de Antonio Pitanga, um dos atores-chave do Cinema Novo.

LINGUAGEM

Beto conta que o filme “foi todo rodado em steadicam e, como a gente trabalha com planos-sequência, a cena toda era rodada no mesmo momento, utilizando ao máximo possível a melhor qualidade da luz natural. Depois, na montagem, suprimimos trechos desses planos-sequência para criarmos o ritmo do filme”.

Renato observa: “Para os atores, isto gera uma oportunidade. O fato de a câmera estar sempre no steadicam, num plano-sequência de 8 minutos, dá oportunidade ao ator de se entregar de uma maneira completa. Como o filme inteiro é assim, isso cria uma linguagem não só fotográfica, mas de interpretação”.

O longa apresenta um contraste entre as cenas rodadas em Santarém, no Pará, e as cenas em Copacabana, no Rio de Janeiro: “O filme tem a luz ensolarada do Pará, ainda que tenhamos encontrado muita fumaça das queimadas. Procuramos as cores para dar o clima psicodélico do personagem Cauby. Em contraponto, o episódio que se passa no Rio é monocromático, procurando expressar a convicção e a fé do pastor Ernani.”, explica Brant.

A PRODUÇÃO

A produtora executiva **Bianca Villar**, também uma parceira de primeira hora da dupla Renato Ciasca e Beto Brant, com os quais se associou na Drama Filmes, conta que uma das primeiras tarefas desta última produção foi a escolha das locações. “Foram necessárias três viagens percorrendo o interior do Pará para encontrar a locação ideal. Optamos por sediar a produção em Santarém e filmar nos arredores da cidade”.

Beto conta que foi criada “uma cidade fictícia batizada de Andara, nome inspirado no escritor paraense Vicente Franz Cecim, autor do livro **Viagem a Andara, O Livro Invisível**”.

“Santarém recebeu a gente de braços abertos”, elogiou a produtora. Ali foi possível contar com hospedagem e alimentação para toda a equipe. Havia uma preocupação especial com Camila Pitanga, por ser atriz conhecida da televisão. Mas Bianca conta que “logo as pessoas se acostumaram a tê-la por ali, não houve problemas”.

Renato comenta: “Escalamos para a formação da equipe técnica talentos de vários lugares do Brasil: São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Rio de Janeiro, Ceará e também técnicos de Belém e Santarém, no Pará, pessoas especiais. A integração foi completa.”

Segundo a produtora, “uma figura local fundamental foi Dinael dos Anjos, um dos líderes do **Movimento em Defesa da Vida e da Cultura do Rio Arapiuns**. Graças a ele, foi possível filmar uma cena fantástica com a participação de 600 pessoas vindas de diversas comunidades da região.”

O AUTOR DO LIVRO/CORROTEIRISTA

Jornalista, escritor e roteirista, Marçal Aquino encontrou parceiros ideais no cinema em Beto Brant e Renato Ciasca, participando dos roteiros dos filmes **Os Matadores**, **Ação Entre Amigos**, **O Invasor**, **Crime Delicado**, **Cão sem dono**, **O Amor segundo B. Schianberg** e **Eu Receberia as Piores Notícias dos seus Lindos Lábios**.

Trabalhando todos esses anos com Beto e Renato, Marçal não tem nenhum problema na hora de se desapegar dos livros que escreve, aceitando tranquilamente as transformações da adaptação cinematográfica – como, neste caso, ter o narrador (Cauby) mais jovem e substituir o contexto do garimpo pelo do desmatamento. “Nunca tive nenhum tipo de resistência em relação às mudanças na hora de transpor uma história minha do livro para o roteiro. Acho que a experiência literária, individual, solitária, acaba no momento em que coloco um ponto final no livro. A partir daí, existindo interesse na adaptação, todo meu esforço passa a ser no sentido de ajudar a tornar possível aquilo que o diretor está imaginando. Ter desprendimento é indispensável. Afinal, vai sempre preponderar a visão e as concepções de quem enxergou no livro um filme”.

Eu Receberia as Piores Notícias dos seus Lindos Lábios é também a quarta história de amor realizada na sequência pelo trio Brant, Ciasca e Aquino, depois de **Crime Delicado**, **Cão sem dono** e **O Amor segundo B. Schianberg**. Marçal compara: “São histórias de amor muito diferentes entre si, até porque são de autores diferentes e, portanto, com visões distintas do amor e seus arredores. Na minha opinião, o que torna **Eu receberia...** a própria história em si é esse olhar para uma paixão delicada num ambiente tão hostil”.

Possivelmente a personagem feminina mais forte de toda a sua literatura, Lavínia é assim descrita por seu criador: “A Lavínia já leva uma grande vantagem em cima de qualquer outra personagem feminina que eu tenha criado porque, na verdade, são duas mulheres dentro de uma”, comenta Marçal.

Trabalhando há tempos com séries de TV, como **Força-Tarefa**, Marçal volta ao cinema com este filme, que o toca de um modo peculiar: “O que mais me instiga é que este é um filme que o Beto e o Renato queriam fazer há muitos anos. O plano de filmar sempre existiu, desde o tempo em que eu escrevia o romance. Ver isso realizado, finalmente, é emocionante”.

OS ATORES

Camila Pitanga

Estrela de filmes como **Caramuru – A Invenção do Brasil**, de Guel Arraes, e **Saneamento Básico**, de Jorge Furtado, além de diversas minisséries e novelas como a recente **Insensato Coração**, Camila Pitanga conquistou, como

ela mesma define, “território novo” ao aceitar o convite para atuar em **Eu Receberia as Piores Notícias dos seus Lindos Lábios**.

A novidade começou pelo fato de que ela nunca havia trabalhado com os diretores, nem contracenado com Gustavo Machado e Zecarlos Machado. Mas conhecia e acompanhava o trabalho de todos eles.

Assim que recebeu o convite para o filme, ela buscou o livro. “Saí correndo para a livraria, comprei o livro, devorei. A história é muito envolvente. E liguei de volta para eles com uma mistura de entusiasmo, empolgação e pânico. Fiquei muito comovida, mas, ao mesmo tempo, muito preocupada, pensando em como dar conta disso, não acreditando ainda. Aí me mandaram o roteiro, e adorei, revivi aquelas emoções”.

O passo seguinte foi um encontro ao vivo com os diretores em São Paulo. Ela conta: “Nos sentamos, falamos uma tarde inteira, eles me contando o método de trabalho deles. Se eu já estava apaixonada pelo filme, quando eles me falaram da experiência que tinham tido nos últimos filmes, que era um processo que eles abriam para experimentar, trabalhar, ensaiar, ou seja, uma construção colaborativa, que me queriam como artesã, junto com eles... Quando eles foram me descrevendo isso, falei: ‘Não vou largar vocês’. Esse sentimento só foi crescendo à medida que a gente se ia se conhecendo”.

Esse entrosamento foi decisivo diante do desafio que representava encarnar uma personagem como Lavínia, instável e apresentando múltiplas faces. Para Camila, “são praticamente quatro Lavínias – a Lavínia que se joga no fogo; a Lavínia-Shirley que não tem medo, que bate na porta do Cauby, não contém as suas paixões; Tem a outra Lavínia que é a missionária, da luta, digamos mais política, e que verdadeiramente ama aquele pastor; E ainda tem a fase dela antes, no Rio, mais jovem, totalmente desencantada da vida. Depois, ela vive outro embotamento de si mesma. São muitas mulheres”.

Para dar conta da personagem, Camila conta que entrou em contato com seus limites, como ser humano e como atriz. “Foi um processo de transformação muito grande. E isso também requer muita confiança nos diretores. Foi fundamental eu me sentir como me senti, acolhida. Pronta para me jogar e ter ali embaixo toda aquela equipe. Eram todos muito solidários, muito cúmplices do que eu estava vivendo, do estado em que eu tinha que entrar para cada momento. Havia um grande respeito. Isso ajudou muito”.

Por conta dessa complexidade, a atriz lançou-se num processo intensivo de preparação. “Eu ensaiei muito, não só com Beto e Renato. Fiz laboratório, fui ao PINEL, conheci pessoas que tinham a ver com o universo da Lavínia. Estudei a questão das drogas, fui a um centro de dependência química, falei com psiquiatras. Fiz uma pesquisa de imagens que é muito forte. Eu costumo fazer um estudo de personagem, uma pasta de imagens, mas essa foi a maior que eu fiz. Fiz uma ‘videoteca lavinial’, que eu levei pro Pará, de filmes que eu achava que tinham a ver com o tema da Lavínia, das várias Lavínias”. A atriz também participou ativamente da composição do figurino e da maquiagem de Lavínia.

Camila acredita que Lavínia é uma personagem feminina rara e não só no cinema brasileiro: “Sempre os filmes são mais calcados em homens. É raro ver uma mulher com essa quantidade de trânsitos, com esse percurso tão radical”.

A filmagem toda em plano-sequência, elogiada por Camila, implicou um posicionamento especial: “Isto exigia um balé de todos. Não apenas de atores com o diretor, como costuma ser. Como a gente filmava em plano-sequência e a câmera também era personagem, entrava uma técnica de contracenação em que ela também se movimentava com a gente. E filmamos na ordem cronológica. Então isso fez com que todo mundo tivesse muita intimidade, fosse conhecendo aquela história, fazendo e se envolvendo, entrando no problema, na crise dos personagens. Todo mundo viveu a história. Criou-se uma alquimia entre vida e arte muito forte”.

Contracenar com os atores Gustavo Machado e Zecarlos Machado também foi especial para Camila, que dedica diversos elogios para os dois. De Gustavo, intérprete de Cauby, ela diz: “Ele é um grande parceiro, um ator excepcional. Com o Cauby, Lavínia tem uma progressão que vai se estabelecendo, um envolvimento. Com o Zecarlos tem um momento muito forte que a gente filmou antes, lá no Pará, ele como pastor e ela totalmente saudável, devota, missionária, naquela causa. Aí depois a gente se reencontrou no Rio de Janeiro, que é um estado da personagem totalmente diferente, em que ela está drogada, mais menina, mais descrente, é quase como se fosse uma outra personagem. Momento dolorido de fazer, de processo de trabalho, de preparação. E ele foi muito parceiro, todos foram”.

Para Camila, foi muito especial também contracenar, ainda que brevemente com seu pai, Antonio Pitanga: “Foi na véspera da despedida do filme. A maior parte das cenas era de noite, só teve uma sequência de dia. E eu já estava esgotada, emocionalmente. Porque além dessa filmagem noturna, que já estressa o corpo, eu tive que emagrecer, eu tinha que buscar a Lavínia da loucura com a droga. Fiquei buscando isso três semanas. Foi energeticamente muito pesado. Precisei de um tempo para me recuperar. Aí foi a sorte que meu pai estava no último dia, foi aquela alma boa, aquela energia, amoroso, ali presente, na véspera de encerrar. Tanto que eu não aguentei ir à festa de despedida. Eu estava muito feliz mas o corpo estava no limite”.

Camila se lembra de um clima excepcional na produção: “Foi quando a gente foi filmar em São Pedro, uma comunidade no rio Arapiuns. Alí a equipe já estava completamente consolidada como núcleo artístico, familiar, amizade, saudade que a gente sente até hoje um do outro. Tivemos esse momento idílico quando a equipe toda ficou num barco, foi um processo de trabalho extraordinário. Um comprometimento artístico como poucas vezes eu vivi “.

Camila também nunca havia estado no Pará. “Era tudo novo, fantasticamente novo, envolvente. Vivi aquela terra, aquelas pessoas de maneira muito forte. Claro que de início, pelo fato de eu ser atriz conhecida, isso limitava um pouco. Mas aos poucos a gente conseguiu quebrar essa aura e ficar mais à vontade. Tive a sorte de conhecer pessoas que ficaram muito próximas, que cuidaram

da gente. Os donos do hotel em que ficamos hospedados foram anfitriões, me sentia em casa. Tudo muito simples, mas simplicidade-luxo, porque você comer peixe fresco todo dia não é qualquer lugar, comer aquelas verduras, tudo fresco. Aquela gente bonita. Tomar banho de rio, o carimbó. Foi um período de muita saúde, muita beleza”.

Gustavo Machado

Ator de teatro, televisão e cinema, premiado com o Kikito de melhor ator em Gramado 2007 e o prêmio APCA (2008) pelo drama **Olho de Boi**, de Hermano Penna, Gustavo Machado já havia trabalhado antes com Brant e Ciasca na série de TV, que também virou filme, **O Amor segundo B. Schianberg** – (prêmio de melhor ator no festival de Santa Maria da Feira, Portugal) - uma história que saiu das páginas do livro **Eu Receberia as Piores Notícias dos seus Lindos Lábios**, desenvolvendo aspectos ligados ao personagem do psicanalista B. Schianberg.

Por já conhecer os diretores, Gustavo sentiu-se à vontade com o convite. “O fato de já termos feito juntos **O Amor segundo B. Schianberg** fez com que houvesse uma confiança. Confiança ética e estética. É muito bom porque assim você pode se deixar levar”.

Havia também uma pequena familiaridade anterior do ator com a Amazônia. Apesar de carioca, ele havia morado em Boa Vista (RO) um ano e meio, depois 9 meses em Manaus (AM), quando tinha 10, 11 anos. O ator relembra bem esse período: “Dei meu primeiro beijo, fui coroinha, comecei a fazer teatro na igreja, morei em casa, tinha quintal, fruta no pé, cachorro, galinha, pato... até arara! Vivi muita coisa lá. Eu tinha um amigo que, para ir na casa dele, tinha que ir pelo rio, boiando, a correnteza me levava. Havia vários índios na minha classe na escola. Pra mim, que era um garoto do Flamengo, zona sul carioca, foi incrível esse choque cultural, uma verdadeira revolução na minha infância, nos meus valores, me fez muito bem”.

Essa memória emocional tinha tudo a ver com o personagem Cauby. “Ele é um sujeito que veio do ‘Sul Maravilha’, se apaixonou por lá. Não é um cara que está chegando naquele momento. Ele está lá há dois meses ou dois anos, mas já pertence àquele lugar”.

Para encarnar essa adaptação à Amazônia que é parte de seu personagem, Gustavo foi o primeiro ator a deslocar-se para o Pará. Não só porque precisava adquirir essa espontaneidade, essa cor local, como também precisava dominar outro aspecto essencial de Cauby – a fotografia. Gustavo confessa que esteve aí um de seus maiores desafios: “Não sabia nada de fotografia. Sou péssimo com tecnologia, fui o último a ter celular. Viajei muito, fui para o Nordeste, fui para a Europa, não tirei uma foto”. Chegando à locação dois meses antes do resto da equipe, Gustavo pode dominar essa técnica com a ajuda do fotógrafo Cisco Vasques. Ele descreve o processo: “Foi uma coisa boa, porque me desafiaram. Então, quando você tem problemas objetivos como esse, você ocupa sua mente com questões práticas. Em algum momento, parecia que só

de aprender a fotografar e a desenvolver um certo olhar, eu me apropriaria do próprio Cauby. Porque ele não é um fotógrafo de paisagens e sim da paisagem humana, no caso específico, de mulheres. No filme, que é o que nos interessa, Cauby é fotógrafo de uma mulher específica, a mulher que é pura paixão, a mulher primeira, Eva, Lilith! Então ele tinha que ter essa pegada, esse olhar. E isso não é uma coisa racional, é só com a câmera na mão que você encontra". No final, Gustavo dominou tão bem a técnica que realizou diversos ensaios fotográficos com mulheres locais, depois com a própria Camila Pitanga, alguns dos quais fazem parte do cenário de sua casa, no filme.

Outro desafio foi encontrar um Cauby diferente do livro de Marçal Aquino, que no roteiro é mais jovem. Gustavo conta: "O roteiro do filme é a história acontecendo. O livro é a história acontecida. No Cauby do livro eu vejo muito o próprio Marçal, um cara mais maduro, mais vivido, com um peso que eu não tenho ainda. O filme se passa antes de tudo acontecer, é o Cauby antes da Lavínia, o Cauby que ninguém conhece. Portanto, eu poderia ser o Cauby pré-trágédia, mais leve, 'virgem' num certo sentido. É até bonito que ele seja esse sujeito solar que vai descobrindo a lua".

Da mesma forma, Gustavo destaca que a liberdade mantida no processo de filmagem ajudou-o a mergulhar cada vez mais no personagem: "É uma dramaturgia que vai sendo feita contracenando com o que se tem, com o lugar, com os outros atores, com a luz, com os humores. Tudo era para aquele dia, seguindo uma lógica intuitiva de todos nós. Então entrou o Akira Goto (*diretor de arte*), o Lula Araújo (*diretor de fotografia*) e todos os artistas que foram se agregando e foi-se criando realmente um pensamento que passa por muitos 'Caubys'. Por isso todos têm que ter essa afinidade".

Apesar do filme pronto, Gustavo confessa que ainda não decifrou totalmente o seu Cauby: "Na verdade, eu ainda fico buscando o Cauby. Até hoje eu ainda estou entendendo ele. Mesmo em teatro, que a gente repete sempre, eu fico com essa sensação: 'Quem é o cara?'".

Zecarlos Machado

Com uma longa carreira em teatro, televisão e cinema, Zecarlos Machado já havia atuado em dois trabalhos anteriores de Brant e Ciasca, como um dos protagonistas de **Ação Entre Amigos** e em **Crime Delicado**. Zecarlos também tem grande intimidade com a literatura de Marçal Aquino, tendo representado o escritor na adaptação teatral de seu livro, **Faroestes**, realizada por Mário Bortolotto.

O ator já conhecia o livro **Eu Receberia as Piores Notícias dos seus Lindos Lábios**, mas voltou a ele para reencontrar as matrizes do novo trabalho, que incorporou ainda a Bíblia, já que Ernani é um pastor. Zecarlos descreve o processo dessa pesquisa: "Desenhando ou construindo o personagem, Ernani é um pastor que num primeiro momento faz da Bíblia a referência para o seu conjunto de ações. Então, me debruçar sobre a Bíblia para extrair material que desse suporte dramático ao que movia o personagem foi exaustivo e extremamente prazeroso. A Bíblia, todos sabemos, é um livro riquíssimo de

histórias, imagens, ensinamentos, linguagem, estética, etc. E o material que poderia servir ao filme é vastíssimo. Então o primeiro movimento em relação ao personagem foi extrair informações bíblicas. Aí Renato, Beto e eu, em tardes maravilhosas de estudos, filtrávamos este material”.

Encarnar este personagem foi natural para Zecarlos, que tem uma grande afinidade pela espiritualidade e as religiões. “O que entendo por espiritualidade é a atração no sentido de investigar outras camadas de nosso ser. Vivemos massacrados por ideologias políticas ou ditas religiosas que estão a serviço de um sistema de valores hipócritas, obsoletos, retrógrados e manipuladores. Ir em busca da energia essencial, a mais sutil, é buscar o fortalecimento do ser, é autoconhecimento, é espiritual, é o *religare*, a religião. Então, nesse sentido, arte e religião, pra mim, são caminhos para o nosso fortalecimento moral, ético, filosófico e político”.

Outro aspecto fundamental de Ernani implicava mergulhar na realidade da Amazônia: “Este pastor na sua trajetória ainda incorpora a cultura e a religiosidade do interior do país, a cabocla e a indígena. E cremos que isso fortaleceu o discurso para uma discussão mais contemporânea sobre o desmatamento e as atrocidades neste país. Para isso novas pesquisas eram necessárias. Treinamento com as comunidades também fizeram parte do processo para ajudar neste desenho, às vezes ainda recorrendo à matriz, que é o livro do Marçal. Para o filme tínhamos que encontrar uma síntese onde conseguíssemos imprimir estas camadas todas”.

Ao final desse desenvolvimento do personagem, na visão de seu intérprete, ele poderia caber nesta definição: “Ernani é alguém que abriu mão de vários sonhos e ideais. Já na juventude se desilude com a Justiça. Formado em Direito torna-se um burocrata acomodado. Mas acontecimentos rompem seus projetos burgueses. A morte da mulher e companheira e a solidão lançam-no num abismo, em que o álcool e a droga colaboram para a sua derrocada. Inesperadamente outros acontecimentos dão novo rumo à sua vida. Através da religião, crê na missão de salvar almas do inferno urbano e conseqüentemente do inferno das injustiças sociais. É a sua espiritualidade que o transforma num guerreiro fortalecido para lutar, se preciso até a morte, contra os Demônios das Trevas. É a volta aos seus antigos ideais. O que tinha sido esquecido. A busca de uma justiça, para os céus e para a terra”.

Para o ator, não há de fato contradição em que um homem tão espiritualizado se apaixone por uma mulher tão diferente, tão passional, quanto Lavínia: “Não é uma realidade que os opostos se atraem? Ele crê nas possibilidades. Lavínia de fato muda de padrão. E o resto é a carne, o desejo, a sexualidade. Macho e fêmea. Yin e Yang. É sagrado. É amor”.

Zecarlos nunca havia atuado antes com Camila Pitanga. Já trabalhara com Gustavo Machado, que viveu seu parceiro no filme **As Melhores Coisas do Mundo**, de Laís Bodanzky. Filmar no Pará foi outra descoberta pessoal: “Ter contato com aquelas comunidades caboclas e indígenas, mergulhar no Rio

Arapiuns, a floresta, pisar descalço naquele chão batido, dormir em rede a céu aberto, brincar com as crianças no rio, quase tocar naquelas estrelas à noite...De alguma maneira somos conectados com alguma outra dimensão que poderíamos nomear de espiritualidade. É sublime. Mas ver aqueles barcos imensos, carregados de madeira, fruto do desmatamento, da ganância, da corrupção e o que tudo isto gera: a fome, a doença e a violência também é aterrador. E grotesco. Portanto o sublime e o grotesco, o sagrado e o profano se entrelaçam.

Sensações intensas. Vibrações paradoxais e contraditórias. Vida e morte pulsando lado a lado”.

O saldo final da experiência, no entanto, foi positivo: “Beto e Renato, além do talento já demonstrado em seus filmes, são companheiros. Na disciplina do trabalho, são mentes e corações abertos para a troca, e generosamente nos conduzem a ser criadores em suas histórias, o que é muito estimulante e nos torna cúmplices do processo. Benjamin Schianberg, personagem do romance, diz numa de suas citações: ‘Há sempre um pouco de loucura no amor, mas há sempre um pouco de razão na loucura’. Beto e Renato fazem de seus filmes um ato de amor”.

Gero Camilo

Ator e dramaturgo, Gero Camilo já havia feito uma pequena participação em **O Amor segundo B. Schianberg**. Mas foi só a partir do convite para viver o jornalista Vitor Laurence que Gero aproximou-se realmente de Ciasca e Brant, cujo trabalho ele conhecia bem e vice-versa, já que, como conta o ator, eles costumam frequentar seus espetáculos teatrais.

Gero é muito amigo de Gustavo Machado, de quem é parceiro profissional há 16 anos. Eles entraram juntos na Escola de Arte Dramática (EAD) da USP, em 1994 e têm atuado e dirigido peças em parceria, como **Navalha na Carne e Cleide, Eló e as Peras**. Em cinema, no entanto, os dois só atuaram juntos sob a direção de Brant e Ciasca, em seus dois últimos filmes.

Para o ator, este livro de Marçal e o Pará foram territórios novos. Encontrar o personagem de Vitor Laurence, uma trajetória que incluiu inclusive a observação direta do próprio escritor. Gero conta que foi “espiar a estante do Marçal” para identificar suas referências literárias, que se misturaram às dele próprio para compor as do personagem, muito ligado à literatura. Algumas delas entram no filme, caso da poetisa Cecília Meirelles que, acredita o ator, “tem tudo a ver com a máscara e os gostos do Vitor”.

Gero define seu personagem como “uma espécie de Oscar Wilde da Amazônia. Embora ele seja de lá, seus gostos são refinados. As escolhas políticas, aristocráticas. É um aristocrata perdido na selva e com os pudores muito mais relacionados ao capitalismo selvagem do que ao primitivismo da

floresta. Ele é um arquétipo de um jornalista vendido a uma estrutura de poder e que está pouco ligando para as questões”.

Em relação a Cauby, Gero acha que Vitor tem uma amizade sincera, embora dúbia: “Ele adora o Cauby, que chama de ‘Gauguin’. É um pouco a relação entre o Van Gogh e o Gauguin. Mas, mesmo sendo uma amizade sincera, nem por isso muda o caráter dele, não o redime. Acho que ele mais lava as mãos do que sacaneia o Cauby”.

Por tudo que implicou, fazer este filme foi único para o ator: “Foi a experiência mais linda que tive na vida. O pensamento cinematográfico do Renato e do Beto é o grande diferencial, com este senso de respeito pela potência criativa de toda a equipe, a visão coletiva. Não é só um patronato, pelo contrário, é uma comunhão artística muito grande. De todos os filmes que eu fiz, foi aquele em que mais me realizei na compreensão do que é fazer cinema, na sua magnitude. A poesia sobre isso não foi ofuscada em nenhum momento pelo tecnicismo de mercado, nem pelo romantismo ético. O filme é uma experiência de vida, ele fluiu, formamos uma tribo”.

EQUIPE TÉCNICA

DIRETOR DE FOTOGRAFIA - Lula Araújo

Profissional tarimbado, com extenso trabalho na TV – ligado a séries como **Xingu – A Terra Ameaçada**, de Washington Novaes – e filmes como **Tamboro**, de Sérgio Bernardes, Lula Araújo assumiu a steadicam e a direção de fotografia que são fundamentais à proposta de **Eu Receberia as Piores Notícias dos seus Lindos Lábios**.

Lula foi escolhido para fotografar o filme pela intimidade com a Amazônia, conhecida em diversas viagens, e por sua habilidade com o steadicam – do qual foi o primeiro operador no Brasil. Pesou igualmente a admiração dos diretores por **Tamboro**, misto de documentário e ficção no qual enxergaram a mobilidade de câmera e a pureza de luz e cor que pretendiam para **Eu Receberia as Piores Notícias dos seus Lindos Lábios**.

Trabalhando pela primeira vez com os diretores, Lula encantou-se com a possibilidade de trabalhar neste universo, onde o essencial era encontrar a fluência e a naturalidade, a começar pela iluminação. “Trabalhei com a luz de Deus, refletindo, rebatendo. Usei pouquíssimos refletores. Usamos algumas placas para refletir, tiramos algumas telhas para deixar entrar a luz natural. Tudo isso para não ter fios, nada no caminho, nem no nosso, nem no dos atores. Isso nos deu estabilidade para nos deslocarmos com a steadicam e darmos os planos-sequência que são a própria linguagem do filme”.

Lula conta que as sequências eram gravadas primeiro em mini-DV para efeito de planejamento. Depois a equipe discutia os detalhes e ele mesmo – dividindo

a operação da steadicam com Gu Ramalho – entrava então com a câmera do filme, a Penelope Atom 35 mm, com lente Prime. “Consegui arriscar bastante aqui, mas no final deu tudo certo”, comemora. Ele também se preocupou, a princípio, com o calor e a umidade locais: “Pensava se a câmera aguentaria. Mas não houve problema”.

Outro aspecto positivo, a seu ver, foi a opção pela filmagem em ordem cronológica: “Foi genial porque não houve problemas de continuidade. Assim, tiramos as gorduras, ficou só o filé”.

O ambiente no set merece elogio à parte: “Foi a equipe mais incrível com que já trabalhei. Tudo foi se encaixando belíssimo, tudo muito entrosado, atuação, som, uma direção de arte espetacular, com um fundo, um primeiro plano sempre belos, com esse visual, locações reais, não cenográficas. Foi muito bom esse encontro da gente”. O trabalho foi concluído em sete semanas de filmagens, “com muita calma”, como diz Lula.

Profundo conhecedor da Amazônia, Lula vê com preocupação o desmatamento, abordado pelo filme. Ao mesmo tempo, fica otimista pela descoberta da comunidade de Arapiuns: “Tivemos muito sucesso nisso também, essa comunidade está tentando defender a Amazônia. Foi ótimo o filme ter registrado isso, esse povo está ameaçado”.

DIREÇÃO DE ARTE - Akira Goto

Akira Goto nasceu em São Paulo. Com suas raízes orientais, foi desenvolvendo seu estilo, técnicas e até suas matérias-primas próprias como autodidata. Depois de um período trabalhando por algumas cidades do Brasil, tornou-se um artista plástico multifacetado, capaz de percorrer um espectro de atividades que vai da pintura artística à decoração.

O encontro com o cinema deu-se em **O Castelo Rá-Tim-Bum** (1999), de Cao Hamburger, em que Akira realizou pinturas artísticas para o diretor de arte Clóvis Bueno. Goto assinou sua primeira direção de arte em **Nina**, de Heitor Dhalia, set em que conheceu Marçal Aquino, um dos roteiristas.

Quando encontrou o cineasta José Eduardo Belmonte, Akira diz que foi uma grande parceria. “Gosto dos roteiros, gosto dele como diretor, tanto é que fiz a direção de arte de todos os seus longas após **Subterrâneo**”(primeiro longa de Belmonte).

Akira sentiu-se à vontade em sua primeira experiência com Brant e Ciasca, que acontece em **Eu Receberia as Piores Notícias dos seus Lindos Lábios**, porque “me deram liberdade para criar”. Ele nem conhecia o Pará e, sendo de São Paulo, não sabia o que ia encontrar. O que encontrou: “O Pará é colorido. O povo não tem medo de cor. As casas são verdes, vermelhas, rosa. E eu tinha que explorar o universo do local, com os materiais que existiam ali”.

Um das tarefas do diretor de arte foi compor o cenário principal, a casa de Cauby. Chegando às locações um mês antes da pré-produção, ele realizou uma oficina com Gustavo Machado para explorar o lado artista do ator. Os dois executavam suas obras, Gustavo as fotos, Akira as pinturas. “Gustavo foi achando o personagem dele nesse meio. Ele tem uma sensibilidade visual, é ótimo. E acabou descobrindo mais uma profissão. Cada foto que ele tirou!”. Além disso, eles conversaram sobre cores, painéis e os locais onde pendurariam as fotos do ator.

Essa preparação do cenário era fundamental. Era uma casa abandonada, destruída que, quando o artista entra, começa a adaptar. Akira queria que todos os ambientes tivessem ligação entre si, que do quarto se enxergasse a cozinha e assim por diante. “Como se filmou tudo em plano-sequência e steadicam, foi ótimo não ter muita parede”, observa.

Goto destaca que “foi uma delícia fazer este filme”. Para ele, o cinema tem uma peculiaridade: “Não faço filme em que não exista paixão. Tenho que ter amor pelo roteiro”.

MONTAGEM - Willem Dias

Um dos colaboradores habituais de Beto Brant e Renato Ciasca, Willem Dias foi o montador de seu primeiro longa, **Os Matadores** e assinou também a montagem de **Crime Delicado**. Participou da edição de som de **Ação Entre Amigos** e colaborou na montagem de **O Invasor**.

A montagem de **Eu Receberia as Piores Notícias dos seus Lindos Lábios**, executada em cerca de três meses, teve como diferencial a câmera sempre em movimento. “Como em grande parte foi filmado com steadicam, você tem a sensação de que o filme flutua sobre a ação. Então a montagem tem que acompanhar essa sensação. Eram planos-sequências às vezes de oito minutos e precisávamos cortar. Aí acontecia o desafio de, com um olhar preciso, preservar o melhor momento dos atores, da câmera e do ambiente”.

Para Willem, esta é “uma montagem fragmentada, às vezes quase documental. Eu costumo brincar que é uma montagem caleidoscópica, pela variedade de possibilidades que tínhamos”.

O fato de conhecer os diretores e sua filosofia de trabalho ajudou a sintonia final. “Eu acredito que montagem é momento e composição. É o melhor momento dos atores, da câmera, dos diretores, da ação, em resumo, do filme. O fato de conhecê-los ajuda, claro, mas as percepções são diferentes e você tem que combinar tudo isso. Na maioria das vezes, era um trabalho colaborativo em que as idéias aconteciam entre nós”

“Nesse filme não tive nenhuma referência, ele é muito original. Na maioria dos filmes que faço, não costumo procurar referências, porque acho que o material é a sua referência. Ele é o guia em relação à montagem. Acho importante frisar o trabalho incrível dos atores desse filme, que ajudou muito a montagem”

TRILHA SONORA - Simone Sou e Alfredo Bello

Simone Sou

Baterista que acompanhou Chico César e Itamar Assumpção, além de percussionista antenada com as sonoridades brasileira e mundana, combinando instrumentos e linguagens de diferentes origens, Simone Sou assina a trilha sonora, ao lado de Alfredo Bello.

Tocando com Paulo Miklos enquanto ele se preparava para interpretar seu personagem de **O Invasor**, Simone travou contato com Beto e Renato, que assistiram aos shows do Projeto Cru, trio que integrava Simone, Bello e Marcelo Monteiro. Essa amizade e o tema do filme possibilitaram a Simone, como ela mesma descreve, “um grande envolvimento emocional com o trabalho, fazendo tudo fluir muito naturalmente, especialmente porque não tenho experiência em música para cinema, e sim para a música que vejo em minha mente e sinto no coração”.

Na época da pré-produção de **Eu Receberia as Piores Notícias dos seus Lindos Lábios**, Simone trabalhava num novo CD, entregando um pré-mix dele aos diretores. Eles viram ali um material que se integrava perfeitamente ao clima da história e algumas de suas faixas entraram na trilha. Uma delas é **Amazônia**, que Simone compôs em seu sítio, em Manaus. Ela conta ter percebido depois o quanto “ela é de natureza cinematográfica e acabou sonorizando um lindo momento do filme, que mostra cenas aéreas da devastação na região. Minha intenção era exatamente essa. Chorei quando vi a cena e a música, que tem a participação do russo Oleg Fateev no acordeon”.

Outra música que saiu do CD para a trilha foi **O Colar**, com texto de Xarlô. A faixa integra uma cena forte, em que várias lideranças indígenas impedem uma balsa de retirar madeira ilegalmente na floresta. Outra vinheta do CD, **Instante de Gelo**, com a voz de Isla Jai, embala dois momentos do filme. Simone opina: “Acho que a atmosfera do CD se encontrou com o filme de uma maneira inevitável e muito natural. A sonoridade veio com o silêncio do filme. Respeitamos o tempo, os lugares, a atmosfera dos acontecimentos, o lugar que existe e não existe. A minha ida ao norte foi fundamental para a minha inspiração e a sintonia com Alfredo e com a equipe. Foi emocionalmente muito tocante para mim”.

Já integrada assim organicamente ao projeto, Simone descobriu o livro de Marçal Aquino, o que fortaleceu sua adesão à história. “Me encantei mais com tudo o que estava sendo feito. Era como se eu estivesse entrando num grande diário de tudo o que eu tinha visto, conhecendo mais os personagens e entendendo melhor o jeito de compor do Beto e do Renato. Está tudo internalizado, não escancarado e óbvio. É como se cada um tivesse que buscar essa história da sua própria maneira. Acredito que a Arte tem esse poder, de cada um vivenciar e interpretar os fatos com seus próprios sentimentos. Nada vem pronto, está tudo se transformando”.

A participação de Simone acabou sendo maior do que o esperado, incluindo

sua atuação numa cena em que ela incorpora uma espécie de xamã. A instrumentista conta como se preparou para a sequência: “Quando fui convidada a fazer a cena, tive uma explosão dentro de mim, de felicidade, identificação e reconhecimento. Pois é essa relação que tenho com minha música, com minha performance, o ritualístico, o espiritual. A percussão é um instrumento que proporciona esse encontro, por ser primal e vital. Compus o tema dessa xamã, a música **Mater Matuta** veio pra mim. Beto deu a letra, a invocação à Mãe Terra. É isso que faço quando toco. Mas foi no próprio dia da filmagem que pensei em como realizá-la. Sintonizei com o lugar, um paraíso nesse Brasilão. Foi como ensaiar para um show, você ensaia as músicas, mas não a emoção”.

Alfredo Bello

“Fazer a trilha do **Eu receberia** foi uma experiência fantástica. Trabalhar com Beto e Renato é sempre um grande prazer, eu e Simone mergulhamos nesse lindo filme e criamos com plena liberdade. Algo que teve que ter muita delicadeza e força ao mesmo tempo, esse é o fio condutor do filme. Espero que ele possa chegar no máximo possível de pessoas para cumprir sua missão”.

MAIS INFORMAÇÕES:

Primeiro Plano

Anna Luiza Muller – contato@primeiroplanocom.com.br

Aline Martins – aline@primeiroplanocom.com.br

Tels: 21 2286-3699 / 2266-0524